

Data: 25.04.97

"O JUIZ JULGA NOS AUTOS, NÃO FICA
DISCUTINDO NA IMPRENSA COMO É O
HÁBITO, AO MEU VER ERRADO, DO SUPREMO.
ALIÁS NÃO SÃO TODOS OS MINISTROS."

Antônio Carlos Magalhães,
presidente do Senado

ANÁLISE DA NOTÍCIA

A CPI TENTA VENCER O DESÂNIMO

Nelson Oliveira,
Da equipe do Correio

A 43 dias do final, a CPI dos Títulos Públicos do Senado está vivendo um anticlímax. Muita coisa foi descoberta e muito foquetório, solto, desde que a comissão se instalou, em 3 de dezembro do ano passado. Mas a falta de pistas sobre o destino final do dinheiro roubado pela máfia dos precatórios tem desanimado os senadores-detetives. Os depoimentos e acareações iniciados na quarta-feira foram frustrantes. Nada surgiu de novo e os depoentes aproveitaram o momento de fragilidade da CPI para debochar dos senadores.

Com o bate-boca de ontem en-

tre os presidentes do Senado e do Supremo Tribunal Federal, novas acusações a bancos e a ordem de prisão para dois ex-diretores da corretora Argel é possível que a chama da CPI volte a arder. Mandar prender corretores foi uma clara resposta política aos que querem enterrar de vez a investigação.

Entre os coveiros da CPI estão os políticos que tentam escapar da punição pelas irregularidades na emissão e uso do dinheiro de títulos. Não conseguem punir governadores, prefeitos e ex-prefeitos contribuirá mais para o suposto fracasso da CPI do que não encontrar o dinheiro roubado. Afinal, achar os R\$ 600 milhões lavados no Paraguai é trabalho da polícia

e não de uma comissão parlamentar.

O fracasso da CPI seria apenas aparente, porque a comissão descobriu uma série de irregularidades e crimes, além de expor a fragilidade dos controles do Banco Central, do Senado e dos tribunais de contas sobre o endividamento dos estados e municípios. A CPI já é vitoriosa, ainda que falhas jurídicas cometidas pelos senadores estejam provocando desgastes — a polêmica com o STF é um exemplo — e sendo usadas por integrantes do esquema para não se incriminar. O envio de um bom relatório sobre o caso à Justiça e autoavaliação mais generosa por parte dos senadores devem devolver o prestígio à CPI.